

Ano 9, Vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 9-28.

## **A Transamazônica: utopia e ilusão na obra de Odette de Barros Mott**

### **The Transamazônica: utopia and illusion in the work of Odette de Barros Mott**

José Valtemir Ferreira da Silva

César Martins de Souza

**Resumo:** A construção da rodovia Transamazônica foi destaque nos principais jornais, revistas, noticiários de circulação da década de 1970, sendo fonte de pesquisa e tema de diversos trabalhos, monografias e inspiração para diversas obras da literatura nacional. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo a análise de uma das primeiras obras literárias acerca de tal temática, A Transa Amazônica (a grande ilusão) de Odette de Barros Mott, visando demonstrar o realismo documental exposto pela autora no seu enredo. Para tanto foi utilizado a consulta de livros, jornais e demais fontes de publicação da época, que ratificam o realismo exposto pela autora. Assim, vê-se que foram apresentados pontos relevantes que fizeram colonos passassem de um cenário de utopia para desilusão na Transamazônica. Diante do exposto, tal abordagem contribui para reiterar a importância da autora na literatura nacional, e de colaborar para os diversos trabalhos sobre os grandes projetos da Amazônia.

**Palavras-chave:** Transamazônica; Realismo documental; Utopia; Ilusão.

**Abstract:** The construction of the transamazonian highway was the highlight of the main newspapers, magazines, circulation newscases of the 1970s, being a source of research and theme of several works, monographs and inspiration for various works of national literature. In this way, the present work aims to analyze one of the first literary works about this theme, The Transa Amazon (the great illusion) by Odette de Barros Mott, aiming to demonstrate the documentary realism presented by the author in its plot. In order to do so, it was used the consultation of books, newspapers and other sources of publication of the time, which ratify the realism exposed by the author. Thus, it is seen that relevant points were presented that made colonists from a scenario of utopia to disillusionment in the Transamazonica. In view of the above, this approach helps to reiterate the importance of the author in the national literature, and to collaborate for the various works on the great projects of the Amazon.

**Keywords:** Transamazônica; Documentary realism; Utopia; Illusion.

## Introdução

Os grandes projetos de colonização e/ou reforma agrária na Amazônia brasileira são assunto recorrente na história do país, sendo foco de trabalho nos mais diversos campos da pesquisa e produção intelectual. Um dos temas mais relevantes nesse âmbito é a rodovia Transamazônica, que desde a sua abertura no início da década de 1970 é matéria de diversas discussões, debates, fonte de estudos, com espaço inclusive na literatura nacional.

Neste artigo, será analisada a obra *A Transamazônica (a grande ilusão)* de Odette de Barros Mott, uma das principais escritoras da literatura infanto-juvenil, que escreveu sobre uma das temáticas de maior relevância da época: o processo de construção e colonização da Transamazônica (BR-230). Tendo em vista que a referida obra foi fruto do trabalho de campo realizado pela autora nas agrovilas e lotes às margens da rodovia, será feita uma análise partindo da contextualização dos fatos que nortearam a abertura da referida estrada e os anos iniciais da colonização na região, utilizando como fonte, além da obra de Mott, jornais do período, discutindo a temática.

Assim, primeiramente será exposta a contextualização da década em questão, ressaltando os fatos que culminaram com a decisão da construção da rodovia e os relatos dos primeiros anos da sua abertura e colonização. Em seguida, é analisada a obra, em sua relação com o período, expondo uma das principais características da autora, o realismo documental e discorrendo sobre a euforia dos migrantes, diante da expectativa da “conquista” de uma terra.

Diante do exposto, a abordagem buscará fazer um contraponto entre a obra de Odette Mott e os problemas do projeto de colonização realizado pelo governo e, assim, destaca-se a importância de tal discussão para o debate dos grandes projetos que ao longo da história visaram à ocupação, integração e a exploração das riquezas amazônicas.

## Transamazônica na década de 1970: utopia e desilusão

Comumente ao longo da história, à integração da Amazônia ao resto do Brasil foi tema para autores, jornalistas, sociedade e governo brasileiro e, portanto houve iniciativas, circunstâncias e tentativas que visavam à exploração e a ocupação da região conhecida durante muito tempo por sua inacessibilidade. Braga (2015) afirma que

durante o século XX alguns projetos objetivavam explorar e ocupar a região, como o segundo ciclo da borracha que levou milhares de nordestinos para a região amazônica.

Assim como a maior obra do governo e símbolo do projeto de arrancada do Brasil rumo a se tornar uma das potências mundiais, a Transamazônica, além de primariamente ser apresentada como a solução para os homens sem terra do Nordeste, flagelados pela seca, também resolveria outras questões, como a integração da Amazônia.

Desta forma, de acordo com Rebelo (1973), a rodovia interligaria o Nordeste a Amazônia, possibilitando acesso às zonas de mineração existentes, reduzindo as distâncias e estimulando o intercâmbio econômico e social, de forma que a rodovia seria um eixo fundamental para inserção da Amazônia no desenvolvimentismo nacional e para a implementação de uma cartografia de exploração de suas riquezas.

Tais benefícios, passaram a ser fortemente disseminados pelos integrantes do governo, na maioria das vezes tendo a frente o próprio general-presidente Emílio Garrastazu Médici que em várias ocasiões esteve na Amazônia, inclusive no ato simbólico de começo das obras da rodovia, em 9 de outubro de 1970, através da inauguração de uma placa com os dizeres “Nestas margens do Xingu, em plena selva Amazônica, o Senhor Presidente da República dá início à construção da Transamazônica, numa arrancada histórica para conquista e colonização deste gigante mundo verde.”(REBELO, 1973, p. 89).

Além da “conquista do gigantesco mundo verde”, Médici, afirmava que a Amazônia era “a terra prometida”, como fica evidente no trecho de seu discurso na Reunião Extraordinária da SUDAM, na sua visita a Amazônia, em 08 de outubro de 1970, transcrito pelo jornalista Luiz Toledo Machado:

Veja por outra quase sempre vindas do estrangeiro, debatem-se as idéias de planos milagrosos para o despertar da Amazônia que, se nem sempre se mostram válidos, viáveis e coerentes, ao menos dizem do interesse estrangeiro sobre **a terra prometida**<sup>1</sup> e nos acedem o brio nacional[...].”(MACHADO, 1970, p. 02).

De acordo com Braga (2015), a mídia nacional contribuiu decisivamente para uma imagem positiva do governo, com a utilização de propagandas nos mais diversos

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

veículos de comunicação aliados a imagens de artistas da época. Assim, existia uma relação de mão dupla entre a imprensa e o regime e, que na prática, contribuía para cristalizar na memória popular a construção da Transamazônica como pedra fundamental do “Brasil Grande”, *slogan* utilizado pelo governo e repetido a exaustão na grande imprensa.

Outro fator que corroborava a favor da abertura da rodovia, era o momento marcado por indicadores positivos na economia, que ficou conhecido como *milagre econômico*<sup>2</sup>, um período de afirmação do regime militar instaurado, e por si só de grande euforia desenvolvimentista nacional, em que o governo com obras de grande porte como a ponte Rio-Niterói, Transamazônica e Usina Hidrelétrica de Itaipu passava a imagem de um país que se modernizava.

Assim, o momento histórico e o grande foco dado à abertura da rodovia, foram decisivos para que colonos viessem a Amazônia atrás de um pedaço de terra, passando a fazer parte da vida de milhares de famílias socialmente marginalizadas, a utopia de dias melhores às margens da Transamazônica e, como afirma Coelho (1984), ouviam o canto de sereia de construção de uma vida mais digna. A *Folha de São Paulo* de 17 de outubro de 1972, sobre o título “na Amazônia, um milhão de novas famílias”:

(...) Ao chegar à região, o colono hospeda-se na agrovila até a escolha de seu **lote de 100 hectares**<sup>3</sup>. Durante os seis primeiros meses recebe o **salário mínimo**<sup>4</sup> da região – Cr\$ 206 – para as primeiras despesas. A compra de ferramentas e sementes é financiada pelo Banco do Brasil pelo prazo de 20 anos a partir da primeira colheita. (FOLHA DE SÃO PAULO, 17 de outubro de 1972, p. 01).

A seguir o trecho oriundo da mesma visita, em que reunidos o Presidente e seus acompanhantes escutam a exposição do coordenador do INCRA<sup>5</sup> sobre os trabalhos de colonização realizados:

---

<sup>2</sup> Milagre Econômico é resultado de um conjunto de medidas governamentais que elevaram o crescimento do Brasil durante o período da Ditadura Militar, mais precisamente durante os anos 1969 e 1973, no mandato do general Emílio Médici. Sobre o tema consultar [Silva \(2010\)](#).

<sup>3</sup> Grifo nosso.

<sup>4</sup> Grifo nosso.

<sup>5</sup> Em 9 de julho de 1970, o Decreto nº 1.110 criou o INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), resultado da fusão do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) com o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA). Ao órgão foi confiada a execução do plano de colonização da Amazônia, por ocasião da abertura da Transamazônica. Sobre o tema consultar Pereira (1971) e Moraes; Gontijo & Campos (1970).

(...) O processo de ocupação é simples: feita a seleção o colono recebe a gleba (**com dois hectares já destacados para permitir o plantio de subsistência**), **com uma casa de madeira**<sup>6</sup> o centro residencial (dois quartos, sala cozinha e banheiro) (...). Paralelamente lhes são fornecidos equipamentos para preparação dos terrenos, em como sementes e mudas. (LIMA, 1971, p. 02).

As principais vantagens aos migrantes eram divulgadas pelo governo e propagandeadas pela mídia, trazendo aos colonos a sensação de estarem diante de uma promessa da “*terra prometida*”<sup>7</sup>. O jornalista Flávio Alcaraz Gomes (1972), afirma em seu livro que estava testemunhando a construção do maior e mais arrojado plano de colonização do mundo moderno, com colonos dispostos de facilidades até o momento jamais atribuídas a quem quer que seja na história agrícola do país. A promessa de terra para pagar em vinte anos, casa de madeira, instrumentos para o cultivo, instrução permanente por parte dos agrônomos, financiamento de sementes e das safras, assistência médica e hospitalar, entre outros, seria, para muitas famílias em situação de miséria, a materialização do sonho de uma vida digna.

Desta forma, muitos autores discutiram o processo de abertura e colonização da Transamazônica na década de 1970, ora expondo o anseio dos colonos por uma vida melhor, ora abordando a desilusão das famílias ao se deparar com os vários obstáculos nos assentamentos ao longo da rodovia. Dentre esses autores, destaca-se a escritora conhecida nacionalmente por suas obras infanto-juvenis, Odette de Barros Mott, a primeira a dedicar um espaço na literatura para dialogar sobre a rodovia. Em *A Transamazônica (a grande ilusão)*, os personagens se movimentam entre os problemas em seu lugar de origem, no Nordeste, até o sonho de uma vida melhor, na Amazônia, e a desilusão ante os problemas enfrentados, em uma linguagem destinada ao público infanto-juvenil de todo o país.

### **Odette de Barros Mott e a Transamazônica**

Odette de Barros Mott nasceu no interior de São Paulo, em Igarapava, em 24 de maio de 1913 e faleceu em São Paulo, em 1998. Professora e, sobretudo uma renomada

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> É o termo utilizado para descrever a terra que, segundo as crenças judaico-cristãs, teria sido oferecida por [Deus](#) aos [israelitas](#). Sobre o tema consultar A Bíblia Sagrada (1993).

e premiada escritora, dedicou a sua obra a literatura infanto-juvenil, com diversos livros das mais variadas temáticas.

Segundo Coelho (1984), sua publicação inicial se dá na área da literatura infantil, nos anos 1950, seguindo as tendências da época, com enredos breves, ingênuos e divertidos, sempre com uma lição de vida a ser aprendida. Já a produção literária destinada ao público juvenil se caracterizou por uma preocupação com realismo documental (que levava a autora a pesquisas de campo); e o sentimento de solidariedade humana.

Um marco importante em sua carreira foi o livro *Justino, o Retirante* (1970), em que a autora aborda o cotidiano para conscientização do seu público, como é relatado em seu blog à internet:

“Justino, o Retirante” é considerado um marco no realismo na literatura infanto-juvenil brasileira. Segundo a autora, sua intenção era chamar a atenção dos jovens para os problemas do Nordeste. “A literatura deve servir para integrar os jovens, não para aliená-los com histórias absurdas”, afirmou. A autora tem livros publicados por várias editoras, entre eles Brasiliense, Moderna, Record e Atual, pela qual já vendeu cerca de 500 mil exemplares desde 85. (MOTT, 2007).

À vista disso, seguindo essa dinâmica de produção literária, Mott lançou também no mesmo contexto de exposição dos fatos, problemas, mazelas sociais e realismo documental, a obra *A Transa-Amazônica* (1973), que em sua 6ª edição revisada, sofre uma grande alteração, pois lhe são incluídas cerca de 37 páginas, mudando o final de uma visão positiva sobre a rodovia, para um cenário menos otimista. A partir da 6ª edição, publicada em 1979, a obra passa a receber um subtítulo entre parêntesis “*a grande ilusão*” (1979), e sofre modificações profundas nos objetivos e nas vidas dos personagens, como expõe Coelho (1984):

(...) Na 6ª ed., A GRANDE ILUSÃO, o relato autobiográfico desaparece e as cinco últimas páginas da narrativa original transformam-se em quarenta e duas, onde a odisséia da Transamazônica continua. Neste acréscimo final, vemos que, a par dos raros que conseguem se firmar nos lotes de terras que receberam, a maioria é esmagada pelas condições adversas em que ali se encontravam. (COELHO, 1984, p. 750).

Seja as primeiras edições com desfecho mais esperançoso ou a partir da sexta edição, menos otimista e que é o foco deste trabalho, a autora segue com sua linha de realismo documental. Como relata em seu livro<sup>8</sup>, Mott esteve na Transamazônica em 1972, visitando e conhecendo a rodovia e as agrovilas, o que demonstra a preocupação em realizar um trabalho de campo para consecução da sua obra, tendo em vista que buscou observar a realidade e ouvir os migrantes, para obter elementos sobretudo para a elaboração da segunda metade do enredo de sua obra, na qual retrata como se dava o processo de ocupação e as problemáticas existentes para os colonos recém-chegados na Transamazônica.

Com uma narrativa sobre um tema comum para época: famílias que migraram em busca de uma nova vida na Amazônia, o enredo de *A Transa Amazônica (a grande ilusão)* pode ser dividido em três momentos distintos, primeiramente com a família do agricultor Isório na labuta lama/lagoa<sup>9</sup>(brejo); um segundo momento, em que Lindauro, seu filho mais velho começa a ter contato com a cidade; e o terceiro, a partida das famílias para Transamazônica.

Tal abordagem permite refletir sobre as dificuldades em separar ficção de história, algo frequente na literatura amazônica sobre temas clássicos da historiografia, como a abordagem literária acerca da extração da borracha, retratada na obra do escritor André da Costa Nunes, *A batalha do Riozinho do Anfrísio* (2003).

O tempo histórico da narrativa é abertura da rodovia Transamazônica, na década de 1970. Inicialmente o enredo passa-se no estado de Sergipe, onde fica a fazenda do seu Juvêncio, em que Isório trabalha e vive com a família na plantação de arroz e na cidade Pirapitinga, onde fica a casa de Zezé e Arivaldo; e posteriormente no Estado do Pará, em que se localiza a agrovila Boa Esperança.

O narrador onisciente situa-se fora da história, descrevendo sentimentos e pensamentos das personagens, e apresentado com detalhes todos os aspectos da história, dando ênfase e um foco especial, por várias vezes, a Lindauro, tornando-o personagem símbolo do movimento proposto pela autora na narrativa que será discutida a partir de agora.

### **Ainda é possível sonhar**

<sup>8</sup> A afirmativa pode ser vista em Mott (1986).

<sup>9</sup> Nome dado ao lugar em que Isório e sua família plantavam arroz na fazenda do Juvêncio, Mott (1986).

A história inicia com a apresentação de Isório, como o herói da trama, tendo como principal qualificação a falta de documentos e contrato de trabalho. Coelho (1984), afirma que a vida de miséria e sem horizontes dos servos da terra é simbolizada no início da trama por Isório e sua família, estabelecidos nas terras do Coronel Juvêncio. Desta forma, o leitor é levado a refletir sobre essa situação nas primeiras linhas da narrativa:

Bens – Quando morrer, legará à viúva e filhos: a) calção esfarrapado com o qual vive a lama a plantar arroz e cultivá-lo; b) a enxada que é sua a quinze anos, com a qual faz o socado da macaxeira; c) o tapiri coberto e feito de folhas de babaçu; d) a mulher viúva, sem dentes, velha, empaludada; e) os seis filhos, dos quais somente dois ajudam a cuidar do arroz; f) duas cuias onde bebe a água adoçada com rapadura e nos dias de fartura um café ralo; g) a facoa – sua amiga íntima e permanente. Com muito amor a carrega sempre atravessada no cóis da calça. (MOTT, 1986, p. 02).

A narrativa apresenta nesta passagem o que vai ser exposto durante toda a primeira parte da trama: pessoas que pela vida sofrida, analfabetismo, herança de submissão, péssimas condições de moradia, saúde, alimentação, sobrevivendo em “uma não existência”, tendo em vista que não possuem o básico que é documento e um sobrenome. Pode-se afirmar que Isório é exemplo das relações de trabalho análogas a escravidão tão presentes no cotidiano brasileiro.

Toda a safra serve somente para pagar a dívida no armazém, seus dois filhos mais velhos, Lindauro e Rialva, trabalham para o patrão gratuitamente, o compadre Juvêncio, pois segundo o pai, afilhados devem compromisso com o padrinho. A família vivem situação de miséria e fora do contato com outros espaços sociais, pois, por nunca saíram dali para qualquer outro lugar:

[...] Desta vez Isório quase se indispôs com o compadre, a vaca amarela estava dando cinco litros de leite por dia e ele, Isório, quase se afundou no armazém da fazenda, de tanto comprar leite em pó. Coitada da mulher com os peitos secos, não podia amamentar um, quanto mais dois filhos! (MOTT, 1986, p. 07).

Através do processo repetitivo dos vários aspectos negativos da vida da família do agricultor submissa ao patrão Juvêncio, o leitor é preparado para outra fase dos

personagens na trama, a utopia de uma vida melhor. Essa condição de ignorância levada como a realidade possível, passa a ser questionada, somente quando Lindauro, filho mais velho de Isório, vai à cidade, Parapitinga, faz amizades e passa a fazer um contraponto entre a sua vida e a vida de seus novos amigos. A partir do contato com outra realidade social, Lindauro, passa a vislumbrar e até mesmo considerar possível, sonhar como uma vida diferente para ele e toda a família:

Abre o peito e respira fundo, parece que com ar ele respira também a liberdade! Não é mais o afilhado – “sim senhor, não senhor” – do fazendeiro Juvêncio.

É Lindauro, filho de Isório, sim, mas um Lindauro que toma consciência de sua condição de homem, dono da própria vida, pronto a traçar, ele mesmo seu rumo! (MOTT, 1986, p. 44).

Neste ponto, Lindauro passa a ter maior foco dentro da narrativa, e a ida à cidade funciona como um divisor para o jovem, que ostenta novas expectativas, além de passar a enxergar as condições de trabalho e sobrevivência de sua família não mais como uma predestinação ou normalidade, mais em um cenário em que a mudança passa a ser possível:

Ali, preso ao padrinho por obrigação que os pais, tão sem vivência tinham criado ao seu redor, como alta muralha a separá-los de todas as outras possibilidades, preso a lama, aos caranguejos, ele, Lindauro, sente-se também prisioneiro das próprias limitações impostas pelo seu pouco contato com o mundo. É um prisioneiro do seu próprio meio e de sua ignorância. Mas agora, sacudido as estruturas, desde que fora a cidade, tudo que vira e ouvira toma corpo e forma em sua cabeça jovem. É preciso romper as amarras e largar, rio abaixo, acompanhar as águas, longe, bem longe dali. (MOTT, 1986, p. 47).

Desta forma, Lindauro volta outras vezes à cidade, Pirapitinga, o que o leva ao propósito firme de tirar sua família das péssimas condições em que viviam. Ele agora toma consciência que seu Juvêncio paga um valor abaixo do que seria justo pelos sacos do arroz e explora seus “compadres” no armazém. Percebe também que o simples fato dele e sua irmã Rialva serem afilhados não os obriga a trabalhar de graça para o patrão enquanto o pai, doente, labuta na lama com os irmãos menores, e que a relação existente

entre seu pai e seu padrinho não é de patrão e empregado, mas de senhor e escravo. Surge então, na narrativa, como uma idealização da “Terra prometida”, a Transamazônica.

### A terra prometida

No romance de Odette Mott, o sonho de migrar para a Transamazônica surge entre os personagens, quando Seu Bento, anuncia para os amigos reunidos na casa de Zezé e Arivaldo, que o governo está distribuindo terras:

— Angustia não, seu João, conto tudo o que sei. Estava mesmo ansioso para vir aqui conversar com vocês. Não sei se é verdade, mas andam falando por lá de uma estrada que vai de João Pessoa pelo norte todo, cortando tudo, as matas, os rios, os igarapés. Uma estradona de quilômetros e quilômetros, abrindo sem medo os caminhos, como nosso amigo Chico. E que, lado a lado da estrada, o **governo vai dar terras para quem quiser plantar**<sup>10</sup>. Terra boa para o feijão, arroz e milho. (MOTT, 1986, p.69).

Assim, o trecho acima marca a segunda fase da trama de Mott. Vê-se que a condição de miséria e todas as mazelas que qualificaram a família do agricultor Isório, nas páginas iniciais da trama, foram a base sólida para que a construção da utopia do recomeço, da terra, do lugar melhor, ganhasse um maior destaque na narrativa.

Loureiro (1994) afirma que tendo como referência o texto bíblico, a terra prometida é uma das mais fortes utopias dos colonos na Amazônia. Em *A Transa Amazônica (a grande ilusão)*, muitos que viveram oprimidos e explorados, por décadas e gerações, viram em terras distantes, na abertura e ocupação da Transamazônica, a oportunidade, de encontrar um lugar de fartura, onde correm o leite e o mel<sup>11</sup>:

O mito da terra prometida é recolocado cotidianamente na vida dos camponeses da região e, muitos deles, que após várias migrações saíram do nordeste, em busca de terra na Amazônia – alguns há mais de 30 anos – se identificam com aqueles que saíram com Moisés pelo deserto em busca da terra prometida. (LOUREIRO, 1944, p.95)

---

<sup>10</sup> Grifo nosso.

<sup>11</sup> Uma referência à terra que teria sido prometida por Deus aos Israelitas como sinônimo de fertilidade, no livro de Êxodo (1993).

Em conformidade com tal afirmativa, Arivaldo explica para Lindauro as informações que o Irmão Zezé tomou em Aracajú-Sergipe: “–As terras existem, sim, e das boas. Boa para tudo, disseram que “é formosa e **boa**<sup>12</sup> e tudo se plantado dá”, foi essa a informação.” (MOTT, 1986, p. 84). Em um pequeno trecho, vê-se a repetição da palavra “boa”, como um recurso para frisar a fertilidade das terras da rodovia e intensificando a imagem da Transamazônica como uma verdadeira terra de Canaã<sup>13</sup>.

Pode-se dizer que ao retratar esse contexto de utopia da terra, Mott estava em consonância não só com o trabalho de campo que realizara, mas também com contexto histórico da época, em que se destacou a forte propaganda acerca dos “benefícios” do projeto para o país e das “maravilhosas” condições oferecidas aos colonos dispostos a trabalhar com a terra, o que contribuiu para a imagem de uma verdadeira terra prometida que despertava os sonhos das pessoas:

Vi, isso vi, passaram um filme na televisão e eu estava na casa do coronel Amaro e dei umas olhadinhas, enquanto ele acertava as contas. Pois, ele parou o trabalho e ouvi falar que era a tal Transamazônica e ficou vendo. – Me mandou sentar, e falou: Olha aqui seu Bento, a nova invenção do governo, uma estradona dessa, que vai de João Pessoa a um tal lugar, chamado Acre. Isso até o Acre. Uma estradona sem fim, até parece mentira, mas seu prefeito diz que é verdade. Agora esse homem da televisão, o repórter, diz que o governo vai dar terra para quem for trabalhador (...). (MOTT, 1974, p. 70)

Nesse sentido Odette Mott segue sua linha de realismo documental evidenciado através da euforia dos personagens a cada novidade, a cada notícia, e toda badalação que colaborava para que pessoas de diversos estados brasileiros fossem para Amazônia em busca de terra. Terra de riquezas, cobiçada pelo mundo, tais qualificações fortalecidas pela imprensa e pelo Presidente em seus inúmeros discursos e falas que se repetiriam acerca da Amazônia e mais especificamente da Transamazônica, foram também uma constante entre os amigos da obra aqui em estudo:

---

<sup>12</sup> Grifo nosso.

<sup>13</sup> Canaã era a terra prometida por Deus ao seu povo, desde o chamado de Abraão. Sobre o tema consultar Bíblia (1993).

- Agora, enquanto a cabeça funciona, vamos falar sobre nossa estradona! O Zezé veio, esteve lá com o Bento, visitou a sala onde trabalha o pessoal do INCRA. Lá que ele deu nosso nome, disse que viu umas fotos da cidade de Altamira, no Estado do Pará.

Lindauro ouvia tudo como quem assiste a **um ato religioso: com fé, amor, e esperança**<sup>14</sup>. (MOTT, 1986, p. 92)

Assim, a rodovia seria a concretização da terra prometida, como a autora buscou demonstrar através dos personagens e de seus sentimentos e dificuldades enfrentadas, forçando-os a procurar o recomeço às margens da rodovia.

### Além da terra, outras promessas

A narrativa segue com vários elementos que ratificam o realismo documental exposto pela autora na obra, retratando na ficção como se dava a rotina das famílias recém-chegadas que iriam povoar a rodovia. Pode-se afirmar que a autora descreveu com maestria a luta de muitos migrantes, assim como as informações e as notícias que tinham ao decidirem migrar para Amazônia:

As terras são em volta da agrovila, algumas as margens da estradona. São 100 ha, mano, a gente pode plantar milho, arroz, feijão, cana. Tudo da gente, **para pagar um tiquinho em 20 anos**<sup>15</sup>! Quando vai, o governo com **um salário mínimo durante seis meses**<sup>16</sup>, até a colheita da safra. Sabe que lá já tem gente colhendo milho? Vi fotografia do milharal tão verde, tão bonito!

Da boca de Arivaldo pareciam sair as espigas douradas, os cachos de arroz, a macaxeira. Eles viam tudo isso através das palavras do moço e da esperança de dias melhores que traziam no peito.(MOTT, 1984, p. 92).

Acima, Arivaldo descreve ao amigo Lindauro o que seu irmão Zezé contou sobre as terras distribuídas e pode-se notar que a autora buscou apresentar para o leitor informações sobre o que era prometido/oferecido pelo governo para as famílias na Transamazônica. Percebem-se elementos que faziam parte do programa de colonização encabeçado pelo INCRA e que eram propagandeados.

---

<sup>14</sup> Grifo nosso.

<sup>15</sup> Grifo nosso.

<sup>16</sup> Grifo nosso.

O trabalho de campo realizado pela autora expõe no enredo as três informações básicas que os colonos tinham ao decidir ir rumo à rodovia: a grande área de terras, que para quem passou gerações trabalhando em terras de outrem, como Lindauro e seus amigos na ficção e diversos colonos no plano real, era uma coisa inimaginável; a quantidade de anos que tinham para acertar contas com governo, o que propagava a utopia ou ilusão de que o governo estava dando terras; e o salário mínimo por mês, que a semelhança da obra de Odette Mott, parecia para os colonos que algo estava errado ou “muito bom para ser verdade”.

Nesse contexto, a frase “o governo está dando terras” é a primeira afirmativa usada ao aparecer a Transamazônica na trama, o que é exposto durante toda a saga das famílias até os primeiros dias na Agrovila Boa Esperança. Mesmo tendo que pagar pelas terras, o prazo era tão longo, e com tantas possibilidades que a sensação era que estavam mesmo sendo doadas. Como se observa abaixo:

Sim, tudo isso é nosso, a casa, o quintal dá bem para plantar horta, abóbora, não é dado, o pagamento é fácil, em vinte anos, a gente paga o tal INCRA.  
Vinte anos? Não tá enganada não?  
– Comadre Tuda, quem vai pagar isso são nossos netos, imagine só, vinte anos! – E dá uma risada de alívio. (MOTT, 1986, p.121).

Nesse trecho, Sá Tuda, esposa de Isório, conversa com uma vizinha, Sá Sefa, após se instalar na nova residência, uma casa na agrovila. Percebe-se que a trama ratifica mais uma vez, o que a autora havia conseguido muitas informações para traduzilas em sua obra. Assim, de forma minuciosa a autora vai apresentando as circunstâncias e a infraestrutura dispostas aos colonos e confirmando a característica mais forte da sua produção juvenil, o trabalho de campo.

Como exposto, as promessas e a infraestrutura necessária aos colonos foram cuidadosamente dispostas na trama de Odette Mott, que parecia disposta a escrever não somente mais uma das obras de ficção acerca de grandes projetos da Amazônia, mas um retrato da saga de muitas famílias migrantes.

Nesse sentido, vale destaque especial ao desfecho da narrativa em que a autora pontua o processo de desilusão dos personagens, que após a primeira situação de miséria e subordinação da família de Isório e do posterior sonho de uma vida mais digna

na Transamazônica, “a terra prometida”, chegam à agrovila, recebem os lotes e veem que a realidade não corrobora com suas expectativas.

### **A grande ilusão**

Na análise da parte final da trama vale salientar mais uma vez a preocupação com o realismo documental. Odette Mott, altera o desfecho de sua obra a partir da 6ª edição. Desta forma, a autora segue o mesmo movimento realizado por jornais, revistas, noticiários, colonos da Transamazônica, que após alguns anos da abertura e do início do processo de colonização já apresentavam também uma visão negativa sobre o empreendimento.

Tal visão é justamente a abordada pela autora que detalha como a utopia da terra se transforma em decepção e desilusão para as famílias na narrativa, sendo símbolo de tantas outras que migraram para a “estradona” em busca do sonho de uma vida melhor.

A trama é conduzida de forma que o leitor reflita sobre diversos aspectos enfrentados por migrantes que partiram na década de 1970 rumo a uma vida melhor em terras que eram “dadas pelo governo”. Desta forma, justifica-se o porquê da autora ter utilizado entre parênteses no título do livro “*a grande ilusão*”.

Os sonhos e as expectativas iniciais dão lugar a um novo pesadelo. A autora em forma de denúncia aponta várias problemáticas vividas pelas famílias na trama, que são inerentes as várias tentativas de colonização e reforma agrária no Brasil, em que famílias são assentadas, sem planejamento em longo prazo, sem condições de escoamento da produção, e sem o devido cuidado na seleção de pessoas dispostas a lidar com a terra.

A primeira problemática enfrentada pelas famílias foi a distância dos lotes, tendo em vista que as famílias ganharam suas respectivas casas na agrovila, e o lote mais próximo era o Km 10, destinado a família de Isório, o outro da família de seu João o Km 40. Desta forma, por mais que tivesse uma casa na agrovila, com lotes tão distantes, tornava-se inviável a ida e vinda todos os dias:

Lindauro, Zé, Arivaldo e seu João, com Isório à escuta sem palpitar, trocaram idéias de como resolver o problema das famílias, se permaneceriam a vila ou iriam morar os lotes. [...]

– A família fica aqui, não dá pé pros meninos andar dez quilômetros para vir e dez para voltar. É um estirão grande – diz seu João. (MOTT, 1986, p.122).

Os migrantes recebiam a terra e uma casa na agrovila, mas era difícil ir e vir todos os dias com a família, em uma distância de 10 a 40 quilômetros ou até mais. Com isso, iniciou-se o processo de desilusão de várias famílias no enredo da trama de Odette Mott, a frase “o governo dando terras”, começou a ser posto a prova pela realidade que começava a assombrar.

Outra problemática denunciada pela autora foi a ausência de critérios na seleção dos colonos que viriam para as terras às margens da rodovia, gerando altos índices de desistência nos primeiros anos, sendo enfatizado por Odette Mott através do personagem “Seu Giacomo”, um garçom que partira com a família em busca de uma vida melhor na rodovia:

- E o amigo veio pra estas bandas com toda família, sabe cuidar de lavoura?  
- Sei não, sempre morei na cidade, até no Rio de Janeiro. Fiquei entusiasmado, sabe, o meu sonho era de ter terras. Plantar, colher, sou filho de italiano. Li sobre a Transamazônica e vi fotografias nas revistas. (MOTT, 1986, p. 134).

Assim, a família do garçom é o exemplo que simboliza as várias famílias que voltaram para a terra de origem, o que caracterizou os critérios de seleção falhos, que traziam pessoas como Giacomo, atraídos por promessas como casa, dinheiro, terras, sem antes avaliar se realmente estavam qualificadas para atuar na lavoura.

A autora também não se abstém de ressaltar sobre “as nuvens de piuns”, outra reclamação dos colonos, e que é citado em vários momentos na narrativa. Muito comum à época na região, mesmo os acostumados com a lidar com a terra, sofriam e eram pegos despreparados:

Isso todos concordam. Com o que não concordavam é com nuvem de piuns que os ataca. Mais bravos que abelhas. Acendiam fogueira. Antes calor que aquelas picadas. Elas espalhavam o sangue sob a pele, que depois se abria em pequenas chagas, vertendo água. (MOTT, 1986, p.122).

Desta forma, junto com os piuns (*Simulium Pertinax*), que provocam pequenas hemorragias e até mesmo reações alérgicas nos atingidos, a distância dos lotes para as agrovilas e a colonização feita com muitas pessoas sem experiência na agricultura, surgiam conforme o passar dos primeiros anos às margens da Transamazônica, várias outros complicadores para o programa de colonização. Várias famílias trocaram a utopia da terra por altas dívidas no Banco, outro ponto discutido por jornais e autores da época e denunciado por Odette Mott: “A colheita foi pequena, já não recebiam mais dinheiro do INCRA, pois esse era o trato. Com o que colheram, puderam alimentar-se e só. Não sobrou nada para ser vendido e não puderam pagar a prestação do lote.” (MOTT, 1986, p. 157).

Não obstante, a autora atenta às informações da época, além das coletadas no seu trabalho de campo, expõe no enredo da trama que as dificuldades eram maiores para os colonos estabelecidos na agricultura familiar, sem recursos próprios e que partiram em busca de um lugar melhor e chegando a Transamazônica se deparavam com os mais diversos obstáculos para plantar e colher:

É que os fazendeiros, os cheios da grana estão fazendo – diz um que se encostara a porta e participava da conversa. – Atrás dos lotes 30, mata adentro, fim do mudo, tem campo pronto para receber os talos de cana. O fazendeiro contratou moradores dos lotes vizinhos, paga, e assim da pros coitado ir vivendo. Ainda foi bom, imagine – continua ele – logo depois das chuvas, a vicinal! Se o pobre diabo conseguir um saco ou dois de feijão, como faz pra trazer ele pra cidade O tal fazendeiro com o trator abriu caminho, derrubou mata sem dó, com as motos-serra carrega o caminhão de madeira boa, leva pra Altamira e depois traz os talos de cana, tijolos, a casa dele é de tijolo, a dona, mulher dele também anda de saltinhos dentro de casa. Um dia fui lá e ouvi e vi tec-tec de lá pra cá. (MOTT, 1986, pp. 148, 149).

Para Braga (2015), enquanto os fazendeiros dispunham de todo aparato para ultrapassar os desafios da selva amazônica, os agricultores familiares trabalhavam o ano inteiro, apesar das dificuldades, como a família na narrativa central da narrativa, para garantir o mínimo para a subsistência. Dessa forma, sem a estrutura necessária, quando a colheita era boa os colonos não conseguiam escoar a produção, tendo em vista as péssimas condições das estradas e vicinais, e acabavam vendendo para atravessadores,

como Zezé e Arivaldo. Muitas famílias, diante dos problemas, acabavam desistindo e regressando aos seus lugares de origem.

A questão da infertilidade do solo amazônico foi mais outra questão polêmica do projeto de colonização da Transamazônica que foi abordado no enredo da obra aqui analisada:

Seu João mais entendido, pois nasceu e foi criado o Recôncavo baiano, indo somente depois de moço para o vale, examina a terra. Colhe um punhado aqui, acolá, espalha a mãos, cheira, prova, sacode a cabeça e termina: - É terra ruinzinha! [...] Mas, aqueles ali, tão sós, tão mínimos, vieram fazer o quê? Terras para homens para homens sem terras!? Estaria certa essa proposição? Terá valor o lote que compraram, sem nem sequer conhecerem o solo se é fértil ou não!? (MOTT, 1986, pp.126-128).

Assim, a denúncia da falta de um estudo prévio, ou da falta de se levar em conta os estudos já realizados sobre o solo amazônico antes de assentar os agricultores nos lotes é mais um destaque do realismo documental de Odette Mott. Desta forma, a impressão de que as terras eram praticamente dadas, passava a ser substituída pela sensação de ter que pagar, mesmo em um prazo longo, por terras que não tiveram a possibilidade de escolher.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos a obra *A Transa Amazônica ( a grande ilusão)*, da escritora de Odette de Barros Mott, através do contraponto com as diversas fontes da década de 1970, quando foi iniciada a construção da rodovia, vê-se, sobre a condução desse processo, inúmeros fatores problemáticos que devem ser analisados para que se possa compreender aquele momento histórico e as reflexões presentes em uma obra literária.

Diante de tal afirmativa, reitera-se a preocupação contemporânea acerca de obras e empreendimentos de grande porte, que são na maioria das vezes, uma decisão ou acordo, sobretudo político, sem que seja elaborado um estudo prévio sobre os impactos, benefícios e melhor forma de condução dos mesmos, visando o bem estar da população e de toda a biodiversidade atingida.

Assim, Odette do Barros Mott confirmou com a obra em questão a grande relevância da sua produção para a literatura nacional, em que enfatizou o compromisso social e a denúncia das mazelas sociais que assolavam a sociedade em diversas regiões do país. A obra se consolidou como uma fonte para futuros trabalhos, sobre a abordagem das diferenças das histórias do enredo, visto nas primeiras edições de *A Transa Amazônica* (até a 5ª edição), e as edições posteriores (a partir da 6ª), em que é adicionado um final e um subtítulo (*a grande ilusão*), visando mudar a visão geral do empreendimento no livro de Mott, que passa a ter um desfecho menos otimista.

A rodovia propagandeada pelo regime como uma das grandes obras de impacto, provocou transformações decisivas nas vidas de milhares de migrantes que partiram em busca do sonho de uma nova vida na Amazônia. Ao mesmo tempo, os problemas decorrentes do processo de colonização possibilitam antever uma série de impactos sociais que grandes empreendimentos viriam a provocar na região. Mott aponta as desilusões dos migrantes, nos projetos de colonização, que tiveram ainda de ser colocados como parte dos problemas enfrentados por populações tradicionais da Amazônia.

### Referências bibliográficas

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 1993.

BRAGA, Magno Michell Marçal. *Rota transamazônica: nordestinos e o Plano Nacional de Integração*. Curitiba: Prismas, 2015.

CARVALHO, Gilberto. *Na transamazônica, o fracasso de uma colonização* (o brasileiro esquecido). São Paulo, 08 de outubro de 1978, p. 10. Acervo Folha. <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1980/09/01/2//4260071>. Acessado em 21.01.2017.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Quíron, 1984.

CUNHA, Euclides. *À margem da História*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Na Amazônia um milhão de novas famílias até 82*. São Paulo, 17 de outubro de 1972, p. 1. Acervo Folha. <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1972/10/17/2//4405651>. Acessado em 20.01.2017.

- FOLHA DE SÃO PAULO. *Transamazônica nunca mais*. São Paulo, 01 de setembro de 1980, p. 2. Acervo Folha. <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1980/09/01/2//4260071>. Acessado em 21.01.2017.
- GOMEZ, Flávio Alcaraz. *Transamazônica: a redescoberta do Brasil*. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1972.
- GOODLAND, Robert J. A. & Irwin S. A. *A Selva Amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho?* Tradução de Sônia Regis Junqueira, São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1975.
- LIMA, Haroldo. *Médici vê agrovila na Selva amazônica*. São Paulo: Folha de São Paulo, 01 de outubro de 1971, p. 2. Acervo Folha. <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1971/10/01/2//4368243>. Acessado em 20.01.2017.
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Estado, bandidos e heróis: utopia e luta na Amazônia*. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- MACHADO, Luiz Toledo. *A teoria do grande espaço nacional - VI*. São Paulo: Folha de São Paulo, 20 de dezembro de 1970, p. 4. Acervo Folha. <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1970/12/20/2//4384166>. Acessado em 20.01.2017.
- MARCULINO, Eduardo. **Anos 1960: "Integrar para não Entregar". Novembro de 2009**. Disponível em: [historianovest.blogspot.com.br](http://historianovest.blogspot.com.br). Acesso em: 12.02.2017.
- MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo & CAMPOS, Roberto de Oliveira. *Transamazônica*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- MOTT, Luiz. *Odetta de Barros Mott*. Salvador, Setembro de 2007. Disponível em: <http://odettemott.blogspot.com.br>. Acesso em: 20.01.2017.
- MOTT, Odetta de Barros. *A Transa amazônica (a grande ilusão)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NUNES, André Costa. *A Batalha do Riozinho do Anfrísio: uma história de índios, seringueiros e outros brasileiros*. Belém: Secult; Fumbel, 2003.
- PEREIRA, Osny Duarte. *A Transamazônica – pros e contras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- REBELO, Darino Castro. *Transamazônica, integração em marcha*. Rio de Janeiro, 1973.
- SILVA, [Tiago Ferreira da](#). *Milagre Econômico*. Março de 2010. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com>. Acesso em: 12.02.2017.

---

TAMER, Alberto. *Transamazônica* – solução para 2001. Rio de Janeiro: APEC, 1971.

**Recebido em 20/8/2017. Aceito em 20/10/2017.**

**Sobre autores e contato:**

José Valtemir Ferreira da Silva - Mestrando em Linguagens e Saberes da Amazônia/UFPA, Licenciado em Letras/UFPA, Técnico-administrativo do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará. Contato: valtemir@ufpa.br

César Martins de Souza - Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará. Contato: cesar@ufpa.br